

www.geografia.ufpr.br/raega/

ISSN: 2177-2738

O CONFLITO DO CONTESTADO COMO ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO DO SAGRADO: DOS MONGES AO ÍCONE SÃO JOÃO MARIA

THE CONTESTADO CONFLICT AS REPRESENTATION SPACE OF THE SACRED: FROM MONKS TOWARD ICON SAINT JOÃO MARIA

Fabiano Feldhaus¹

RESUMO

O conflito conhecido como Guerra do Contestado envolveu interesses econômicos, políticos e religiosos. Esse artigo trata da articulação religiosa na Guerra do Contestado, expressa pelos espaços de representação do sagrado e pela formação do ícone São João Maria – todos os monges eram um só: dois João e um José todos Maria, assim define o folclorista do contestado.

Palavras-Chave: Contestado; Representação; Sagrado; São João Maria.

ABSTRACT

The conflict called The Contestado War involved interests economical, political and religious. This paper treats of the religious articulation in Contestado War, expresses for the spaces of representation of the sacred and for the formation of the icon Saint João

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Professor de Filosofia da Rede Pública - Secretaria de Estado da Educação do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil. fabianofeldhaus@seed.pr.gov.br.

Maria – all the monks were only one: two João and a José all Maria, defines like this the folklorist of the Contestado.

Keywords: Contestado; Representation; Sacred; Saint João Maria.

INTRODUÇÃO

Os anos de 1912 a 1916 marcam a história de Santa Catarina e Paraná, e por que não dizer do Brasil, como uma convulsão sociopolítico-econômica armada que escreveu páginas de horror nos territórios desses estados – falamos da Guerra do Contestado.

De acordo com Queiroz (1966) as bases do conflito sangrento se estruturaram ao redor de uma legião de "fanáticos" religiosos composta por agregados das fazendas dos coronéis; por ex-operários demitidos ao terminar a construção de uma estrada de ferro; por "sem terra", ex-posseiros expulsos dos seus lotes; por ervateiros sem erva para colher; por dezenas de pequenos proprietários banidos de seus pinheirais; e por gente que perdeu seu pequeno negócio.

Toda essa gente cabocla², fora das leis da economia agropastoril, vive na Região do Contestado, uma "terra de ninguém", marcada pela persistência de uma velha rixa de 150 anos entre o Paraná e Santa Catarina. As autoridades discutiam se os limites geográficos deviam ou não ser molhados pelas margens dos rios Negro e Iguaçu.

Dentro desse contexto, o presente trabalho almeja defender a hipótese de que, mais do que um simples aspecto legitimador, a dimensão religiosa e mística foi um dos aspectos que moveu todo um povo à luta contra as injustiças, por direitos, reconhecimento. Esses aspectos religiosos se fazem presentes na região do Contestado. Pretende-se observar os universos reificado e consensual apontados a partir das representações sociais e identificar, nas entrevistas coletadas, estes e outros aspectos que compõem a religiosidade daqueles que vivem hoje nessa região.

A proposta de estudo sobre a Guerra do Contestado vem da perspectiva e da necessidade de oferecer uma contribuição para atualizar e vislumbrar a presença mítica

_

² A denominação de "caboclo" abrangia vários tipos humanos: o branco (lusitano e castelhano), o índio (tupi-guarani, kaigang, xokleng), o negro (escravo), o mameluco (mesclagem do branco com o índio), o cafuzo (negro com índio), o mulato (mestiço de branco e negro). Caboclo era o cidadão do Planalto Catarinense, acanhado, lento, face queimada pelo sol, tinha dentro de si o alto sentimento de justiça. Era corajoso, violento e ao mesmo tempo fraco, leal e honrado. (THOMÉ, 1992)

e representacional dos monges do Contestado. É preciso clarificar, reconstruir, identificar, por meio de uma perspectiva da Geografia das representações, os traços de religiosidade popular que marcam a crença em personagens considerados 'sagrados'.

A partir da trajetória dos monges João Maria de Agostini, João Maria de Jesus e José Maria – confundidos na memória do povo como líderes que percorreram o sertão do sul do Brasil no final do século XIX e início do século XX –, pretende-se compreender o modo como essas figuras místicas se inscreveram na história das cidades, em especial Porto União, deixando uma herança cultural que se manifesta através de lendas, cruzes, olhos d'água, milagres, ex-votos e histórias diversas que somam a crença religiosa à crítica social presentes na região nos dias atuais.

A Guerra do Contestado aconteceu durante os anos 1912 a 1916 e abrangeu uma região que equivale hoje a aproximadamente 1/3 do território catarinense. Essa região é, hoje, conhecida como "Região do Contestado". Além de parte do sul do Paraná, ela abrange, em Santa Catarina, o meio-oeste, o planalto norte e a região serrana. Além disso, ao observar a mensagem de João Maria e os lugares por onde passou, amplia-se a região para quase todo o sul do Brasil e São Paulo. O Contestado continua, hoje, muito presente na vida de sofrimento e na memória dos descendentes dos que viveram a sua luta. Ele produziu uma mística própria que se traduz numa espécie de identidade cultural do povo da região.

Para tanto a pesquisa em questão discutirá, dentro da Geografia Cultural, a abordagem geográfica da religião e das representações sociais, acreditando-se que a pesquisa em representação social não privilegia um único método – a exemplo de Moscovici (2003) e diversos pesquisadores, que utilizaram e ainda se utilizam de métodos quantitativos estatísticos para investigar as representações sociais como também de uma análise qualitativa.

O CONTESTADO E A RELIGIÃO

A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos, as formas e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Todo lugar sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca. Ele não apenas

encoraja a devoção como a exige, não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional do devoto.

O Contestado pode ser entendido não somente a partir de suas causas econômicas, limítrofes, políticas e sociais. Há também um viés religioso e cultural de fundo, presente na Guerra do Contestado, pouco estudado até o momento. Para além das causas políticas e econômicas, o Contestado foi também uma luta mística e de resistência contra o processo de "conversão" ou de "colonização do espírito", que estava sendo imposto sobre os caboclos e caboclas da região.

Tanto o aspecto místico como o de resistência podem ser percebidos em inúmeros momentos da luta do Contestado, tais como: em vez de os caboclos e caboclas simplesmente aceitarem ou se submeterem ao batismo tradicional da igreja, optaram pelo batismo de João Maria; em vez de aceitarem passivamente o espírito individualista e liberal-capitalista, preferiram se organizar em redutos, cujo sistema era comunitarista-cristão; em vez de se submeterem à ciência que dava legitimidade aos donos do poder econômico e religioso, preferiram seguir os "comandos do além", oferecidos pelos meninos e especialmente pelas meninas virgens-videntes; ao invés de se conformarem com a realidade vigente e se submeterem ao poder bélico dos militares e dos governos deste mundo, levantaram a bandeira do divino, de uma "terra sem males", de uma "cidade santa" e preferiram seguir as intuições e as visões resgatadas desde os seus ancestrais, santos, divindades e monges, depositando neles a sua esperança.

Eles não compartilhavam apenas de uma "linguagem religiosa"; mais do que isso, eles tinham uma vivência ou uma experiência religiosa, isto é, uma mística que dava sentido às suas vidas e às suas lutas. Pode-se ainda afirmar que essa mística se apresentava inspirada e referendada fundamentalmente em João Maria – personagem que se tornou líder político e religioso, traçando os limites entre sagrado e profano.

Submetida a várias origens etimológicas, considera-se que a palavra *sagrado* deriva do verbo latino *sacer*, isto é, designa o que não pode ser tocado, que é querido dos deuses, santo e venerável. Contempla a idéia de *sanctus*, que corresponde ao que é tornado sagrado, inviolável, respeitável, virtuoso, poderoso. Como contraponto, outras concepções lhes dão um sentido oposto, tal como maldito, execrável, detestável,

abominável. Por estas e por outras designações, o homem, ao vivenciar a essência desses múltiplos significados, reage de maneira aparentemente contraditória, com manifestações de respeito ou de aversão, de desejo ou de espanto, de amor ou de ódio (MARCHI, 2005).

A palavra sagrado significa separação e definição, sugere sentido de ordem, totalidade e força. Sagrado, por si só, é um conceito religioso. Espaços sagrados são espaços qualitativamente fortes onde o sagrado se manifestou. E para o homem religioso essa manifestação pode estar contida em um objeto, em uma pessoa, em inúmeros lugares. Para o homem religioso, a natureza não é exclusivamente natural, está sempre carregada de um valor sagrado.

A idéia de que existem espaços sagrados e que pode existir um mundo no qual as imperfeições estarão ausentes, conduz o homem a suportar as dificuldades diárias. O homem não somente suporta as infelicidades da vida, como também é conduzido a imaginar realidades mais profundas, realidades mais autênticas que aquelas que seus sentidos revelam. O homem consagra o espaço porque ele sente necessidade de viver em um mundo sagrado, de mover-se em um espaço sagrado. O homem religioso, dessa maneira, se exprime sob formas simbólicas que se relacionam no espaço: cada vez que se ergue uma nova igreja, o grupo religioso tem a impressão de que cresce e se consolida. Apesar da onipresença de Deus, existem espaços que são mais sagrados que outros. Seja no budismo, no islamismo ou no catolicismo, a hierarquização do sagrado está presente. É nos espaços sagrados de peregrinação que essa diferenciação é mais nítida.

Como exemplo de espaço de peregrinação na Região do Contestado temos a gruta de Porto União, que muitos peregrinos visitam e onde fazem suas orações diariamente, buscando alento e consolo na pessoa e imagem do monge. Independentemente de seu credo religioso, encontra-se em todos uma religiosidade intrínseca e inerente ao ser próprio do humano.

Os geógrafos da religião propugnam o estudo do espaço por meio da análise do sagrado, desvendando sua ligação com a paisagem e com a linguagem codificada pelo devoto em sua vivência no espaço. Claval diz que a:

Ontologia espacial que a fenomenologia religiosa nos faz compreender, nos dá a chave da Geografia do sagrado, da sua permanência ou da sua transitividade, do calendário que a caracteriza e dos rituais que permitem reatar com a pureza das origens, ou com todo outro momento privilegiado onde o ser não sofria limitações que ocorrem hoje. (CLAVAL, 1992, p. 126)

No Contestado, observa-se a presença do sagrado nas grutas dedicadas aos monges ou, conforme o imaginário do povo, ao Monge São João Maria, conforme se observa na entrada da gruta de Porto União, em homenagem ao "monge" do Contestado, uma placa talhada em madeira que diz: "HOMENAGEM AOS HERÓIS ANÔNIMOS TOMBADOS NA GUERRA DO CONTESTADO E AOS TRÊS MONGES QUE OS INSPIRARAM, TRANFORMADOS PELA FÉ DO POVO NUM SÓ: SÃO JOÃO MARIA".

Neste caso, no Contestado, o templo é a própria natureza e o local das cerimônias são as grutas de onde jorram as águas "abençoadas" pelo monge e que, segundo alguns fiéis, até hoje operam milagres. A esses locais abençoados pelo monge e pela natureza que é obra do Criador, vemos afluir muitos peregrinos em busca de consolo, esperança, conforto e algum tipo de bênção.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E GEOGRAFIA

Inicialmente é importante relatar que os estudos sobre o tema tiveram início com Durkheim quando propôs a expressão "representação coletiva". Seu objetivo era designar a especificidade do pensamento social em relação ao pensamento individual. Segundo ele, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. "Um homem que não pensasse por meio de conceitos não seria um homem; pois não seria um ser social, reduzido apenas aos objetos da percepção individual, seria indistinto e animal" (DURKHEIM, 1989, p.626).

Trata-se aqui de mostrar como a dualidade da natureza humana é condição para a viabilidade de uma sociologia das categorias, bem como sua relação com a teoria das representações coletivas. A dualidade da natureza humana guarda uma homologia estrutural com a dualidade de fontes que conformam o homem, quais sejam,

o corpo biológico e a sociedade. Ou, precisando melhor, a sociedade é a única fonte da humanidade do homem; é através dela que se transcende a pura vida orgânica que é a condição do homem tomado em sua individualidade.

A sociedade, "[...] externa e transcendente ao indivíduo enquanto indivíduo, é interna e imanente ao indivíduo enquanto homem" (VIALATOUX, 1939, p.18). Assim, os conteúdos da mente desse *homo duplex* também estão cindidos quanto à sua gênese, e guardemos essa observação como via de entrada para o sistema das representações coletivas. Lukes (1984, p.07), analisando os conceitos fundamentais do pensamento durkheimiano, alerta para a ambigüidade do termo "representação", que ora significa um processo de pensamento (ou da percepção) ora o conteúdo desse processo.

Apesar da contribuição de Durkheim, foi Serge Moscovici – em seu livro *La psychanalyse* – *Son image et son public*, em 1961 – quem apresenta um estudo onde se desenvolve o conceito de representação social e nos apresenta uma metodologia de pesquisa na área. Seu estudo sobre a representação social da psicanálise visou averiguar em que se converte uma disciplina científica e técnica quando passa do domínio comum, como o grande público a representa e modela e por que vias se constitui a imagem que dela se faz. A importância da pesquisa de Moscovici, entre outras, foi conseguir substituir um conceito teórico e abstrato, o da representação social, pela análise de um objeto real, a partir da qual pode tentar a construção de um modelo teórico mais geral. Em sua pesquisa e por meio dela, Moscovici elaborou um método aplicável a outras representações sociais: a doença, a educação, religião etc.

Representações sociais devem ser consideradas como verdadeiras teorias do senso comum, ciências coletivas pelas quais se procede à interpretação e mesmo à construção das realidades sociais.

Para caminharmos mais um pouco, vamos buscar compreender o conceito de representação:

Por representação social, entendemos um conjunto de conceitos, proposições e explicações originado na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. Elas são o equivalente, em nossa sociedade, dos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum. (MOSCOVICI, 2003, p.32)

Resumidamente, a representação é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social. Ela consegue incutir um sentido ao comportamento, integrá-lo numa rede de relações em que está vinculado ao seu objeto, fornecendo ao mesmo tempo as noções, as teorias e os fundos de observação que tornam essas relações estáveis e eficazes.

Segundo Moscovici, "desde que possamos falar sobre alguma coisa, avaliá-la e assim comunicá-la, [...] então podemos representar o não usual em nosso mundo usual, reproduzi-lo como a réplica de um modelo familiar". Para o autor, "o propósito de todas as representações é o de transformar algo não familiar, ou a própria não familiaridade, em familiar". (MOSCOVICI, 1984, p. 24).

Ou seja, a teoria engloba a articulação de afirmações conceituais e explicações que têm origem no cotidiano. Muito mais que uma observação ou opinião sobre o mundo, o ato de representar é a expressão de uma internalização da visão de mundo articulada que gera modelos para a organização da realidade. (GIL FILHO, 2005)

Toda problemática das representações em Geografia repousa, portanto, sobre a idéia de que o espaço dos homens não é somente objetivo, nem só racional. Ele é também uma (re) construção mental e, por conseqüência, uma representação espacial.

As representações em Geografia, como afirma Kozel (2002, p. 217):

Constituem-se em criações individuais ou sociais de esquemas mentais estabelecidos a partir da realidade espacial inerente a uma situação ideológica, abrangendo um campo que vai além da leitura aparente do espaço realizada pela observação, descrição e localização das paisagens e fluxos, classificados e hierarquizados.

Quando nos referimos ao Contestado, estamos falando de uma realidade impregnada de simbolismos de uma região específica dos estados do Paraná e Santa Catarina. Falando do Contestado, podemos nos referir à guerra, aos monges, às questões de divisas entre Paraná e Santa Catarina e tantas outras formas simbólicas que perpassam a nossa mente conforme os olhares e entendimentos de cada indivíduo.

A região do Contestado para o caboclo representava a ligação do homem com a sua terra, pois ela era a genitora da vida humana, de onde os caboclos tiravam seu sustento e onde faziam seus berços para neles repousarem. É também uma imagem que foi socialmente construída pela religião popular de uma terra abençoada, pois foi naquele local onde o monge espalhou sua "doutrina" abençoando e apaziguando tantos caboclos necessitados de um consolo espiritual. Há, portanto, no imaginário uma geograficidade pela relação concreta que se estabelece entre o homem e a terra.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E RELIGIÃO

Ao entrar em contanto com imagens, noções e linguagens cientificas próprias do universo reificado, o indivíduo procura apropriar-se desse "não familiar", transferindo-o para o universo consensual, ou seja, tornando o desconhecido em algo "familiar". Ao tornar o "não familiar" em "familiar", envolvem-se dois processos formadores das representações sociais, a ancoragem e a objetivação.

A ancoragem é a incorporação do objeto representado a um esquema de categorias já existente. Segundo Moscovici (2003), ancorar consiste em classificar e denominar. A classificação é a escolha de um modelo que conhecemos e com o qual comparamos o objeto a ser representado, analisando se pode ou não somar-se a tal categoria. E denominar é incluir algo numa rede de palavras específicas, com o objetivo de localizá-lo na cultura a que pertencemos.

A objetivação, segundo Sá (1996, p.47), ocorre quando a imagem deixa de ser signo e passa ser uma cópia da realidade. Consiste em tornar concretas as noções abstratas, ou seja, ligar um conceito a uma imagem.

Portanto, a representação social é reflexo do mundo externo na mente, ou uma marca da mente que se reproduz no mundo externo; assim sendo, o indivíduo é tanto transformado pela sociedade quanto agente transformador.

Na Geografia encontra-se uma preocupação em explicar a religião no âmbito da cultura sob o aspecto da distribuição geográfica das religiões, manifestando a religião como produto da prática humana, como expressões da cultura religiosa e como um campo de motivações materializadas na paisagem.

Porém a paisagem não é a expressão cristalizada, mas parte das suas possibilidades relacionais. Sendo assim, constroem-se imagens do espaço e atribuem-se a elas as representações de nossa existência.

Nessa perspectiva a Geografia do Sagrado estaria muito mais afeta à rede de relações em torno da experiência do sagrado do que propriamente às molduras perenes de um espaço sagrado coisificado (GIL FILHO, 2002). Assim nossa análise estará pautada sobre as relações sociais sob a ótica da Geografia da Religião e buscará entender e explicar a experiência religiosa presente no Contestado hoje por intermédio dos fiéis que visitam a gruta do monge.

Enfim, busca-se neste trabalho uma compreensão e identificação das representações encontradas no Contestado, a partir dos discursos destes que buscam alento para suas "enfermidades" nas grutas dedicadas aos monges. Também à luz da Geografia da Religião e das representações sociais se verificará a constituição de dois mundos: um reificado, baseado nos discursos das autoridades religiosas; e outro consensual, com base nos depoimentos dos peregrinos das grutas e pesquisadores do Contestado.

BREVE RETROSPECTIVA: A GUERRA NA REGIÃO CONTESTADA

A Guerra do Contestado foi, segundo Galeano (1986), uma das maiores guerras civis do Continente Americano, pois o genocídio de milhares de camponeses pobres foram sua principal marca. A Guerra do Contestado é um episódio complexo, pois é alimentado por vários fatores que se entrelaçam sejam de ordem social, política, econômica, cultural e religiosa.

As controvérsias começaram em 1767 quando o governo paulista fundou Lages em área que os catarinenses consideravam deles. Somente em 1820 Lages foi incorporada a Santa Catarina, o que não significou solução para as questões de limites.

Em 1838 foram descobertos os Campos das Palmas que os paulistas invadem e exploram, pois essas terras eram consideradas catarinenses por direito. Desenvolvese também a discussão entre os presidentes das províncias de São Paulo e de Santa Catarina, que a partir de 1853, com a criação da província do Paraná, desmembrada de São Paulo, passa a ser a parte interessada nas questões de limites.

O Paraná herdou um problema de limites que vinha se arrastando desde os tempos do Brasil colonial. Para os paranaenses, a nova província limitava-se ao sul,

pelos rios Pelotas e Uruguai. Para os catarinenses, o Paraná terminava nos rios Negro e Iguaçu.

A decisão ficou sob responsabilidade do Supremo Tribunal Federal, que deu ganho de causa para o estado de Santa Catarina. Diante de novos embargos interpostos pelo Paraná, que contratou o jurista Inglês de Souza, o STF, em julho de 1910, pela terceira vez, manteve o acórdão da decisão de 1904.

Porém, a decisão não foi executada de imediato. O juiz federal de Curitiba, João Batista da Costa Carvalho, aceitou alegação do Paraná, segundo a qual uma lei federal deveria regulamentar a questão. O acórdão do STF ficou sem execução.

Entretanto, já se incendiara o estopim nos campos do Irani – a Guerra e o Genocídio nas terras contestadas haviam iniciado. E naquele momento, do lado paranaense, a imprensa incitava os ânimos, o bairrismo se exaltava e se usavam argumentos como criminalidade no território catarinense do Contestado. (FRAGA, 2005)

Os combates se iniciaram em outubro de 1912 em Irani, quando forças do Regimento de Segurança do Paraná, comandadas pelo capitão João Gualberto, tentaram prender ou expulsar das "terras paranaenses" os "fanáticos" liderados pelo Monge José Maria. Os sertanejos, em número bem maior, venceram. Morreram o capitão e o monge. Foi o estopim da Guerra do Contestado. Segundo Schmidt (2003), foram necessárias 13 expedições militares para derrotar os caboclos. Tudo estava findado por volta de 1915, quando o último reduto caiu. No início de 1916 apenas realizou-se uma operação-limpeza, onde jagunços⁴ e fanáticos foram presos e mortos.

Fato importante que não pode ser negligenciado foi a construção de uma estrada de ferro que conectou Brasil do Sul e o Brasil do Centro-Leste. A linha original com 599 quilômetros (1904-1905) foi aberta ao tráfego (THOMÉ, 1992). Nessa mesma época, o então Ministro da Viação e Obras Públicas, o catarinense Lauro Muller, promoveu a vinda ao Brasil do famoso empreendedor norte-americano Percival

³ Fanatismo, segundo Cabral (1960, p.05), apenas de um grupo social desviado pelas doutrinas sediciosas de um místico, cujas práticas afastavam-se da ortodoxia católica, cunhado pela elite política da época.

⁴ Simultânea e coincidentemente, o Contestado reuniu, no mesmo tempo e no mesmo espaço geográfico, mais de 30 mil pessoas – habitantes da região na época – desde fazendeiros, em defesa de suas propriedades, posseiros, tentando se manter em terras devolutas, os "fanatizados" por promessas messiânicas, e oportunistas, que viam no movimento ocasião para exercerem pressões políticas acerca dos limites disputados entre Santa Catarina e o Paraná (FRAGA, 2005, p.237). Estes últimos podemos chamar de jagunços.

Farquhar⁵, que fundou a Brazil Railway Company, empresa que tomou posse do controle acionário da Companhia Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande.

A construção da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande, no trecho entre União da Vitória (PR) e Marcelino Ramos (RS), levou dois anos, atravessando de Norte a Sul a região contestada e percorrendo o Vale do Rio do Peixe, no meio-oeste catarinense.

Segundo Queiroz (1966, p.54) "a estrada obtivera do governo federal uma concessão de terras equivalentes a uma superfície de quinze quilômetros para cada lado do eixo, ou igual ao produto da extensão quilométrica da estrada multiplicada por 18." Objetivando rapidamente colonizar as terras que havia obtido em pagamento pela construção da estrada de ferro, a Brazil Railway, em 1911, tratou de colocar para fora de seus domínios todas as pessoas que ocupavam terras e que não possuíam títulos de propriedade. Tal iniciativa, bem como a própria concessão feita à companhia, contrariava a chamada Lei de Terras de 1850. Mas o governo do Paraná reconheceu os direitos da empresa, o que não foi de estranhar, pois Affonso Camargo, vice-presidente do Estado, era advogado da Brazil Railway. Aos posseiros que ousavam se opor às medidas de despejo, a Brazil Railway enviava elementos de seu corpo de segurança, que contava com 200 homens armados. (THOMÉ, 2003)

Fortemente armado, o grupo vasculha os pinheirais da empresa para varrer, expulsar e até matar. De ambos os lados pessoas morrem, outros sobrevivem, mas isso é apenas o começo do que a Guerra do Contestado registraria. A posse da terra perdida e o pinheiro roubado desesperam milhares de braços caídos que não têm para onde balançar, pessoas sem um lugar para morar e nem algo para se sustentar (QUEIROZ, 1966).

OS MONGES DO CONTESTADO

Para que um movimento caracterize-se como messiânico, deve contar as propostas básicas da crença popular da volta do Messias. O Contestado foi também um

⁵ O norte-americano Percival Farquhar era dono de dezenas de empresas nos Estados Unidos e de outras tantas espalhadas pelo mundo, principalmente na América Latina. Engenheiro, já no final do século XIX chefiava duas importantes empresas que controlavam os serviços de bondes de Nova York. Seu grande sonho era controlar todo o sistema ferroviário da América Latina. Após grandes compras e conquistas, em 1913, devido a aplicações malsucedidas na Bolsa de Valores de Nova York, perdeu tudo e teve de vender as empresas para pagar seus credores. (AFONSO, 1994, p.10)

movimento messiânico. Os responsáveis pela caracterização desse movimento foram os monges que deixaram, por onde passaram, sagrados registros no Sul. Eram profetas, curandeiros, santos, conselheiros que irradiavam amor, devoção, simplicidade e caridade (THOMÉ, 1992).

JOÃO MARIA DE AGOSTINI - "O SANTO""

Na região sul do país, conta-se que houve um peregrino de cabelos e barba longas, olhar manso típico de alguém que almejava a solidão e o isolamento. Foi simples, bom e justo, mas severo consigo mesmo, repartindo com o próximo o único bem que possuía: sua fé (CABRAL, 1960).

Há um paradoxo que surpreende todos quantos estudam ou procuram entender a vida de João Maria: esse "santo" não foi um homem, foram dois que confundiram e entrelaçaram suas vidas para se tornarem apenas um santo.

Segundo CABRAL (1960, p.108), João Maria de Agostini era italiano nascido em 1801. Não se têm muitos registros do seu passado nem quando chegou ao Brasil. O que se sabe é que esteve no Pará, viajou para o Rio de Janeiro por volta de 1844 e depois para São Paulo.

Os visitantes e romeiros que por ali passavam armavam suas barracas numa fraternidade. Os doentes que se chegavam eram de todos os tipos, uns procuravam a cura, outros apenas um alívio para suas enfermidades. Eram pessoas que vinham de Santa Catarina, do Paraná, de São Paulo, do Uruguai e da Argentina buscando a cura nas águas milagrosas do Campestre (CABRAL, 1960, p.121).

E o que prega é o testemunho, a palavra do evangelho, a doutrina da Igreja⁷, a submissão dos apóstolos. Não é um João Batista, mas procura ser um apóstolo humilde, que não ameaça, mas aconselha, que não se rebela, mas se humilha, que não comanda, mas serve.

Por volta de 1850⁸, aproveitando o caminho dos tropeiros, João Maria se instala nas proximidades da cidade da Lapa (PR). Nessa cidade encontra repouso numa

⁶ Estes termos (santo, político, guerreiro) foram cunhados por Vicente Teles, folclorista do Contestado.

⁷ Um fato que ajuda a comprovar que João Maria está de acordo com o que a Igreja ensina é a festa que ele intitula a Santo Antão, celebrada pela Igreja no dia 17 de janeiro, que ele tão piedosamente e respeitosamente pede ao povo de Campestre que celebre e continue celebrando neste mesmo dia (CABRAL, 1960, p.126).

⁸ Existem controvérsias a respeito desta data, pois o próprio CABRAL *op. cit.* apresenta narrativas de moradores da região que teriam visto o monge por volta de 1845.

grutinha junto de um filete de água cristalina, a qual aconselhava junto com rezas, como no Campestre, para as enfermidades e moléstias. E como não poderia ser diferente, também na Lapa, acorrem ao monge pessoas esperançosas de milagres vindas de todas as partes. Das pessoas que a ele vinham não aceitava nada, e o que lhe davam em excesso, de imediato distribuía aos pobres.

Por volta de 1851, o monge atinge Rio Negro (PR) e Mafra (SC) em busca de um novo refúgio mais tranquilo e menos exposto. Como recusava a hospedagem oferecida pelos moradores e como ali não havia gruta, abrigou-se por sob as árvores. E mesmo ali também aconselhou e fez suas práticas (CABRAL, 1960).

O tempo em que o monge esteve em Mafra (SC) não se sabe ao certo, como também os caminhos que tenha tomado, são relatos incertos como muitos pontos da vida desse piedoso e misterioso personagem.

Após algumas aparições em Lages, João Maria teria retornado a São Paulo, onde viveu mais algum tempo meditando, rezando, até que, em 1870, desapareceu para sempre.

Onde e quando teria morrido não se sabe bem ao certo, como suas rotas pelo sertão do Brasil. Sabe-se apenas que passou sem ter feito qualquer coisa de mal, pelo contrário, pregou o bem, dividiu tudo o que tinha e ganhava.

Não se rebelou, mesmo contra aqueles que o tratavam com rudeza. Vivia interiormente e evangelicamente. E como nos relata Aloísio de Almeida citado por Cabral (1960, p.143), sacerdote e escritor: "João Maria de Agostini foi um eremita à maneira dos antigos, que viviam em grande penitência, raro desciam aos povoados e nunca faziam as funções reservadas aos clérigos ordenados".

JOÃO MARIA DE JESUS - "O POLÍTICO"

E assim vemos o enfrentamento do monge às bases tradicionais religiosas, mas que também são políticas numa terra onde predomina o coronelismo.

Deste segundo Monge, que apareceu na área de Serra-Acima (popularmente Santa Catarina é dividida entre Serra-Acima e Serra-Abaixo) entre o Iguaçu e o Uruguai, têm-se informações seguras a partir da revolta rio-grandense de 1893, quando surgiu junto aos soldados maragatos no vale do rio do Peixe, como relata Ângelo

Dourado⁹, em seu livro *Voluntários do Martírio* sobre a retirada das tropas revolucionárias de 1893 de volta ao Rio Grande do Sul, após transpor o Rio do Peixe:

Pela manhã o seguimos chegando à tarde numa pequena aldeia de fabricantes de erva-mate. Aqui começaram os domínios de um célebre monge que tem percorrido toda a região missioneira, plantando cruzes em frente das casas designando árvores, que diz serem sagradas, onde os crentes habitantes desta região vão em certas noites rezar, levando cada qual um rolo de cera que acendem ali [...]. O monge é um tipo especial que convém ser conhecido. Caminha só por esses sertões, nada conduz, nada pede. Se chega a uma casa, dão-lhe de comer, ele só aceita o que é mais frugal e em pequena quantidade; não dorme dentro de casas, a não ser nas noites de chuva torrencial. Conversa com os moradores sem ostentação, sem impostura, sua conversa é calma, como quem fala para si só, porém todos o ouvem, todos lhe obedecem; sua figura é humilde, porém todos o respeitam e estimam. Nunca diz aonde vai, nem quando. Anoitece, e não amanhece; raramente porém, passa por um lugar mais de uma vez, quer chova, quer os rios estejam transbordando vai-se [...]. O monge é moço ainda, figura simpática, ascética. Onde ele passa acompanham-no descobertos. Traz consigo uma bandeira branca com a figura de uma pomba vermelha no centro (GORNISKI, 1999, p. 27).

Pelos relatos de Ângelo Dourado, pode-se dizer que aquele monge não era João Maria de Agostini. Em todo meio século anterior, nem uma só vez o encontramos carregando uma bandeira, fazendo profecias nem manifestando preferências políticas. Mas não bastasse isso, pudesse a proclamação da república ter-lhe transtornado as idéias, em qualquer hipótese não poderia ser, aos noventa e três anos, "homem ainda moço", quando já aos 43 anos trazia grisalhos o cabelo e a barba.

Do que não se têm dúvidas é que próximo ao Rio do Peixe e do Rio Uruguai, fosse em território gaúcho, paranaense ou catarinense, todas essas redondezas eram zonas de influência do monge.

Outro testemunho descritivo do monge tem-se narrado por Cleto da Silva quando, em 1896, teria o monge passado por União da Vitória:

É um ancião de estatura regular, alourado, tendo sotaque espanhol. João Maria diz andar cumprindo uma promessa, pelo que peregrinava há muito tempo, porém que brevemente tê-la-á terminado. Aconselha aos sertanejos que plantem bastante. Não gosta de ser acompanhado

⁹ O Dr. Ângelo Dourado foi um cronista do movimento revolucionário, além de comentador político e dedicado médico (CABRAL, 1960, p. 148).

por grupos. Carrega a tira-colo um saco de algodão e, dentro dele, uma barraca pequena e uma panelinha. Traz consigo um crucifixo e outras pequenas imagens de santos. Costuma pousar à beira dos caminhos, procurando local de boa água [...]. O profeta não aceita dinheiro; contenta-se quando lhe oferecem alguma verdura, um pedaço de queijo ou um pouco de leite. Pouco se demora nas localidades. Aconselha a que tenha o povo bastante crença em Deus e que trabalhe para desviar as tentações. João Maria, o pacífico monge, tão popular nos sertões do Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, Mato Grosso e Goiás, aconselhou aos moradores de União da Vitória a que plantassem uma cruz no morro mais alto da cidade, que é o chamado Morro da Cruz (CABRAL, 1960, p. 150).

Parece que o verdadeiro nome deste João Maria era Atanás Marcaf, tinha sotaque estrangeiro, e era provavelmente de origem síria. A todos dizia que estava cumprindo uma penitência. Quando Neuhaus lhe perguntou quem lhe dera a missão de ensinar ao povo, e de onde viera, assim descreveu ele próprio a sua origem:

"- Eu nasci no mar, criei-me em Buenos Aires, e faz onze anos que tive um sonho percebendo nele claramente que devia caminhar pelo mundo durante quatorze anos, sem comer carne nas quartas-feiras, sextas-feiras e sábados, e sem pousar na casa de ninguém. Vi-o claramente". (QUEIROZ, 1966, p. 49)

Este João Maria desapareceu nos primeiros anos do século XX, por volta de 1908. Uns disseram que morreu no hospital de Ponta Grossa, no Paraná; outros, que a sua sepultura fora cavada em Lagoa Vermelha, no Rio Grande do Sul. Mas os verdadeiros crentes, que eram a quase totalidade dos sertanejos da área, acreditam que ele apenas havia se retirado:

O grande santo, o São João do Evangelho, não pode morrer. Ele se retirou apenas, para provar os seus fiéis, vivendo por prazo indeterminado, encantado no morro Taió, até chegar o tempo de aparecer de novo, para pôr tudo em ordem (QUEIROZ, 1966, p. 49).

As relações entre o fato religioso, encontrado no primeiro monge, e o político do segundo, revelam-se por meio de uma ruptura qualitativa do sagrado e da prática institucional da religião que se apresenta com um sistema de símbolos no qual circula o poder. Porém se fundem no momento em que o povo vê como sendo um só monge.

JOSÉ MARIA – "O GUERREIRO"

Por volta de 1912, no município catarinense de Campos Novos, apareceu um "curandeiro de ervas", exatamente no mesmo local onde, pouco antes, se dizia ter reaparecido o Monge João Maria. Apresentava-se como José Maria de Santo Agostinho. Era um caboclo de cabelos lisos e compridos e barba espessa. Vestia-se de brim ordinário e, como um caboclo qualquer, costumava andar descalço. Às vezes usava tamancos com meias grossas que lhe prendiam a boca das calças. Tinha dentes manchados de nicotina, devido ao cachimbo que freqüentemente pitava (AFONSO, 1994).

www.geografia.ufpr.br/raega/

ISSN: 2177-2738

Usava um boné de pele de jaguatirica adornado de penacho e fitas, muito parecido com o do velho João Maria. Quando lhe perguntavam se era parente do Monge João Maria, ele não dizia sim nem não, deixando no ar a ligação com a figura tão lembrada naquelas paragens. Muitas vezes era identificado como irmão do antigo monge e se calava, pois isso o tornava mais procurado e querido pelos sertanejos (AFONSO, 1994, p.07).

Miguel Lucena de Boaventura – como se descobriu, mais tarde, ser o seu verdadeiro nome – apareceu para continuar a pregação do monge que deixou grande fama no Contestado, reiniciando o apostolado deste. Ex-soldado do Exército de onde foi desertor, ou da Força Policial do Paraná, conforme contam outros, não possuía ele a mesma constituição mística dos monges que o antecederam. Era menos rigoroso nos seus hábitos, não apreciava o isolamento, não se recolhia para colocar-se em contato com o criador, não se mortificava nem fazia penitências (CABRAL, 1960, p.180).

Duas notícias fizeram com que sua fama se espalhasse. Primeiro, falou-se que tinha ressuscitado uma jovem – talvez vítima de catalepsia, doença na qual a pessoa fica temporariamente paralisada, como se estivesse morta. Mais tarde, disseram que fez sarar a esposa do coronel Francisco de Almeida, que sofria de mal que se acreditava incurável. O rico proprietário ficou tão agradecido ao monge que lhe ofereceu em recompensa muitas terras e grande quantidade de ouro. Para espanto geral, José Maria recusou tudo isso. Passou então a ser considerado um homem santo, que vivia apenas para curar e ajudar os mais necessitados (CABRAL, 1960, p.181).

O coronel Francisco de Almeida foi mais longe. Decidiu dar guarida ao monge, recebendo também em sua fazenda em Curitibanos todos aqueles que fossem à procura de auxílio e conforto junto a José Maria. A quantidade de pessoas que a partir de então se dirigiu à fazenda era tão grande que o coronel tinha de mandar matar um boi por dia para alimentar toda aquela gente.

O número de pessoas que acorrem a José Maria aumentava cada vez mais. Depois de algum tempo, José Maria resolveu sair da sede da fazenda e ir para um local mais afastado, levando consigo todas as pessoas que estavam ali à espera. Nesse lugar, também nas terras do coronel Francisco de Almeida, ele formou um arraial onde montou uma "clínica" e uma farmácia de ervas, a Farmácia do Povo. Para lá iam todos os que o procuravam pedindo conselhos e receitas, que eram passadas como receitas médicas, escritas em papel e entregues sempre acompanhadas de orações. O atendimento era gratuito, mas quando o doente tinha recursos, pagava uma taxa de dois mil réis. O dinheiro era aplicado na expansão da própria farmácia (AFONSO, 1994, p.13).

José Maria esteve durante quase um mês em Taquarussu. Nesse arraial, ao qual deu o nome de Quadro Santo, organizou um grupo dirigente, de caráter político-religioso, denominado por ele de Os Doze Pares de França. Era uma alusão aos doze cavaleiros que acompanhavam o Imperador Carlos Mago, na Idade Média, segundo o livro *História de Carlos Magno e os doze pares de França*, que carregava consigo e que lia sempre para seus seguidores. Contava histórias de feitos heróicos e transmitia mensagens religiosas em que o bem sempre vencia o mal (AFONSO, 1994, p.14).

Nessa ocasião, José Maria proclamou a Monarquia Celeste e coroou imperador Manoel Alves da Assunção Rocha, um fazendeiro analfabeto e muito rico. Essa monarquia seria administrada pelo monge de acordo com as tradições da cavalaria medieval. No Quadro Santo, todos seriam irmãos, a propriedade seria comum e o comércio totalmente proibido, sob pena de morte. Todos fariam parte de uma grande irmandade.

Esses fatos são pouco conhecidos e cercados de dúvidas, mas pode-se dizer que a união do povo nos anos de guerra se deveu a essa história. É difícil comprovar a maior parte do que se falou sobre a ação de José Maria e sua Monarquia Celeste em

Taquarussu. O certo é que o Coronel Chiquinho de Albuquerque – preocupado com o ajuntamento de Taquarussu e temendo o crescimento político do coronel Henriquinho, seu opositor – telegrafou ao governador de Santa Catarina, comunicando que "fanáticos" haviam proclamado a monarquia nos sertões de Taquarussu.

Reunidos no Taquarussu, o monge dirige-os. Perseguidos, comanda-os. Atacados, morre com eles na luta. Derrama seu sangue pela causa, boa ou má, que era de todos. O local em que caiu é conhecido. O seu corpo é recolhido e guardado à espera de uma ressurreição que não acontece.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA DE CAMPO

Para responder aos objetivos e aspirações desta pesquisa buscou-se um caminhar metodológico qualitativo sem a preocupação com a quantificação de entrevistas e dados empíricos para a discussão proposta.

Não se trata de averiguar as aglomerações que se formam nas grutas, cruzeiros ou olhos d'água, mas identificar os discursos religiosos oficial e popular, daqueles que vivem e/ou partilham de um sentimento presente na região do Contestado.

Dessa forma, optou-se por direcionar as entrevistas dividindo-as em: autoridades religiosas; pesquisadores do Contestado e o povo em geral que visita a gruta de Porto União/SC.

Das autoridades religiosas foram entrevistadas o Bispo de Caçador, à qual pertence a paróquia de Porto União; o Arcebispo de Florianópolis e o de Curitiba; o pároco de Porto União e mais um padre pesquisador da religiosidade presente no Contestado. Assim, estabeleceu-se uma visão da Igreja Oficial (universo reificado) e verificaram-se as relações nos discursos das entrevistas.

O CONTESTADO REIFICADO E CONSENSUAL

As representações sociais são compostas por dois universos de pensamento: o consensual e o reificado. O universo consensual é de domínio do indivíduo e do coletivo e caracteriza-se na vida cotidiana. É o lugar onde as representações sociais são

produzidas, o conhecimento é espontâneo, sendo o indivíduo livre para elaborar suas opiniões e respostas sobre as noções apreendidas e compartilhadas na escola, em casa, na rua ou pela mídia.

O universo reificado é definido no espaço científico retratando a realidade independente de nossa consciência, onde há o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, o autorizado e o não autorizado, o qualificado e o não qualificado. Há papéis e categorias determinadas de acordo com os contextos apresentados, exemplo: culto aos monges, impureza religiosa.

Cada representação tende a tornar uma coisa desconhecida, ou não familiar em geral, em algo familiar. Existem dois processos formadores das representações sociais descritos pelos pesquisadores: a ancoragem e a objetivação.

Em outras palavras, ancorar é encaixar o não familiar via processo de classificação. O processo de ancoramento cria um certo conforto ao sujeito na aceitação do estranho, do diferente. Decodificar o "novo", o "ameaçador" é ação básica do sujeito perante ele. Como exemplo temos os discursos da Igreja Oficial na pessoa dos Bispos que tentam "ancorar" as peregrinações e o culto aos monges na impureza e na falta de conhecimento religioso dos caboclos e devotos que para lá se encaminham, fruto de uma religiosidade popular.

Para Moscovici, objetivar é descobrir a qualidade icônica de uma idéia ou ser imprecisos, reproduzir um conceito em uma imagem (SÁ, 1996, p. 40). Moscovici (2003) também a apresenta como coisificação – a conversão de idéias em coisa localizadas fora da mentalidade individual. Em outras palavras, objetivação constitui um processo de concretização para a realidade. A imagem torna-se concreta, física, cópia da realidade concebida. Para exemplificar a objetivação temos a imagem dos monges relacionados como pessoas ligadas à religião católica, quando na verdade eram peregrinos, curandeiros e conhecedores das ciências de cura e alívio da dor por meio das ervas e do que a natureza lhes dava.

Também se encontra a ideia de ancoragem quando o discurso oficial da Igreja Católica classifica os caboclos e peregrinos dentro de uma religiosidade popular, visto que buscam alento em uma pessoa, o monge, que não pertence propriamente à Igreja

Católica. Dessa mesma forma de entendimento tem-se o depoimento do arcebispo de Florianópolis, apresentado a seguir.

A respeito da religiosidade popular e dos "profetas" ou "benzedores", Dom Murilo Ramos Kriger, arcebispo de Florianópolis, diz:

Os centros de peregrinações "oficiais", isto é, aceitos hoje pela Igreja, começaram a ser visitados pelo povo antes de sua oficialização. O povo sentia-se atraído por um milagre, pela notícia de uma aparição de Nossa Senhora ou por algum fato extraordinário. A partir daí, a Igreja sentiu necessidade de se posicionar. Por isso, passou a estudar os fatos narrados, procurou conhecer as pessoas envolvidas, fez um sério discernimento e deu uma aprovação ou reprovação a tais peregrinações. Em outras palavras: se o povo não tivesse acorrido àquele determinado lugar, a Igreja não teria se sentido na obrigação de se posicionar. Nem tudo que nasce do povo, contudo, é puro, correto e verdadeiro. A religiosidade popular, em alguns casos, precisa ser corrigida e purificada. Quando uma peregrinação, romaria ou movimentação do povo envolve uma ou mais pessoas determinadas (benzedores, "profetas" etc.) há necessidade de (1°) verificar qual o equilíbrio psíquico-emocional delas (2°) e até que ponto o que fazem ou ensinam corresponde aos ensinamentos da Igreja. Temos, atualmente, Ritual de Bênçãos por ministros leigos. No documento de aprovação, do Vaticano, lê-se: "[...] certos sacramentais podem ser administrados, ao menos em certas circunstâncias especiais e a critério do Ordinário, por leigos revestidos de qualidades convenientes". (KRIEGER, 2007, informação verbal¹⁰).

O Bispo de Florianópolis, por sua vez, observa a relevância das peregrinações uma vez que diz que os locais ou centros de peregrinações existem e são oficiais pela visitação do povo e não pela Igreja, que por sua vez se posiciona aprovando ou vetando esses centros. Dessa forma tenta "trazer pra si" esses peregrinos muitas vezes "abandonados" pela Igreja Católica, mas acolhidos por representações ou simbolismos não-oficiais que trazem um conforto espiritual.

Daí a importância conferida ao batismo que, efetuado pelo padre católico, transformava o patrão em compadre de seu empregado e padrinho do filho deste, e legitimava, na esfera sobrenatural, as obrigações e os papéis que compunham a relação de dominação/subordinação. Ao criar uma exigência de respeito mútuo entre os compadres, o batismo contribuía para solidificar um sistema social e econômico cuja

¹⁰ KRIEGER, MURILO RAMOS. Entrevista concedida ao presente trabalho. Florianópolis, 2007. Informação verbal.

manutenção se assentava sobre um regime de subordinação "temperado" por representações de autonomia – o que, longe de ser um simulacro, refletia certas condições objetivas de existência.

A representação é o produto e o processo de uma atividade de construção mental do real pelo aparelho psíquico humano. Essa construção do real se efetua a partir das informações que o sujeito recebe dos seus sentidos, daquilo que recolheu ao longo de sua história e que fica na sua memória e do que lhe vem das relações com outros indivíduos ou grupos. Essas informações são categorizadas num sistema cognitivo, global e coerente, em graus variados que permitem fazer do mundo — ou de um aspecto do mundo — uma organização tal que ele possa compreendê-lo, agir sobre ele, se adaptar ou se evadir. Essa atividade de construção mental do real se efetiva seguindo as modalidades psicológicas e socialmente determinadas e interdependentes.

Por outro lado, temos também uma outra visão das peregrinações e das buscas pelas grutas e águas dos monges. Aqui trazemos o depoimento do bispo de Caçador, Dom Luiz Carlos Eccel, que diz, referindo-se ao batismo feito nas grutas em homenagem aos monges:

Para o caboclo é comum; para eles é um só batismo, no entanto em três momentos: é o batismo de casa, nas águas do João Maria e depois complementa na Igreja. E eu nunca criei problema, pois não vejo nenhum mal nisso, porque eles fazem isso de boa-fé. Não são três batismos, pra eles é um só em três momentos. Então pra que quebrar uma tradição se isso só traz o bem? (ECCEL, 2007, informação verbal¹¹)

Dessa forma, percebemos que a criação das representações sociais pode sofrer variações e interpretações diferentes por parte das autoridades católicas que aqui classificamos no universo reificado. No caso do Bispo de Caçador, encontramos um discurso de quem faz parte do contexto do Contestado e dessas manifestações populares, haja vista que ele mesmo diz aceitar e apoiar essa religiosidade que só traz o bem para as pessoas.

E segundo Ari Krüger (2007, informação verbal¹²), supervisor de cultura de Porto União, "o monge, o santo foi uma criação do povo que precisava de uma

¹¹ ECCEL, Luiz Carlos. Entrevista concedida ao presente trabalho. Caçador, 2007. Informação verbal.

¹² KRÜGER, Ari. Entrevista concedida ao presente trabalho. Porto União, 2007. Informação verbal.

motivação para superar a fome, o frio", advinda da exploração dessas empresas que se instalaram na região do Contestado e semearam a fome e a pobreza por onde passavam. Essa acolhida feita pelo monge não foi realizada pela igreja oficial na época da querra e da exploração da Lumber¹³, daí o caráter popular da religiosidade encontrada na região.

Joaquim Ribas, pesquisador do Contestado, também afirma que "a linguagem do José Maria e do João Maria estava muito mais próxima do nosso sertanejo do que da igreja oficial". Afinal o ofício católico não dizia nada para o caboclo que era e ainda é muito místico e apegado à terra da qual tira o seu sustento e da qual ele foi tirado e largado às margens sem amparo algum. Essa linguagem oficial de nada servia para matar a fome e saciar a sede do caboclo explorado pelos latifundiários e pela madeireira.

Naquele período, tornou-se mais importante ser batizado pelo monge do que pelo padre. Na verdade, as figuras do monge, do penitente e do beato revelam o significado mais profundo do que se chama "catolicismo rústico": enquanto a relação do fiel com o padre comporta necessariamente um elemento de exterioridade, representado pela ligação do padre com a instituição eclesial, a relação entre seguidor e beato (ou entre devoto e santo) funda-se exclusivamente sobre uma "tradição rústica".

E como nos diz Padre Gilberto Tomazi (2007, informação verbal¹⁴), pesquisador do Contestado, "a Igreja, enquanto povo de Deus, na sua religiosidade popular o reconhece. Por que nós vamos negar isso?", referindo-se ao monge, beatificado ou canonizado pelo povo. Daí a necessidade imprescindível da Igreja de não contrariar e nem se opor aos peregrinos e romeiros que buscam as águas santas do monge, pois se no universo reificado há uma dificuldade de se ressignificar objetos, instrumentos de devoção, no consensual isso acontece com o passar do tempo, como percebemos no culto aos monges.

Mesmo que a Igreja Católica ainda não tenha beatificado o monge e, outrora, inclusive o tenha desprezado, sem dúvida João Maria foi elevado a santo por muitos dos que o conheceram ou ouviram falar dele. Na atualidade, observa-se que diversos

¹³ Com o intuito de explorar as terras obtidas às margens da estrada de ferro, a Brazil Railway criou, em 1911, uma nova companhia a ela subordinada: a Southern Brazil Lumber and Colonization Company. ¹⁴ TOMAZI, Gilberto. Entrevista concedida ao presente trabalho. Caçador, 2007. Informação verbal.

sacerdotes e bispos toleram a menção de "santo" para João Maria e inclusive promovem ou participam de romarias e outros eventos culturais e religiosos que resgatam essa memória.

No universo consensual, todos podem discursar que o valor para as representações é o mesmo, o que não ocorre no universo reificado. Nesse sentido, temos o depoimento do folclorista do Contestado Vicente Teles, que diz o seguinte:

Política é gene dos países moralmente sadios e a politicalha é a malária dos povos de moralidade estragada.

Se cometeu (sic) tantas barbaridades nesses sertões...então com quem que eles iriam se apegar?

Com a memória do carisma deixado pelo primeiro monge, aí veio o segundo se dizendo daquele monge irmão.

Analisando os três monges, situando bem que um era **religioso**, que outro **político** e que o outro era **guerreiro** e que todos usaram a crendice, a energia espiritual sob o signo místico da fé para dar forças, porque eles não tinham armas e não tinham organização. Então tinham que contar com a cumplicidade dos céus.

Fanático é assim: quando é rico que tá *(sic)* rezando é piedoso, quando é pobre é fanático. Primeiro monge religioso, segundo político, terceiro guerreiro. Quem foi o mais santo?

No meu entender a coragem de matar é do bandido, é do assassino, é do tirano [...] a coragem de morrer é do soldado, é do missionário [...] é do advogado decente, sério, é do político honrado, ético, é do juiz [...] agora quando se junta a coragem de morrer com a determinação de dar a vida pela de outrem o autor de tamanha coragem deixa de ser um herói para ser um mártir e ser um santo.

Então quando perguntam qual foi o mais santo. Os outros deixaram palavras, mas o Zé Maria predisse a sua morte: "eu irei na frente, morrerei no primeiro combate e levarei comigo o meu inimigo e ressuscitarei um ano depois. [...] ressuscitou sim, vocês não estão falando dele?

Só morrem as causas pelas quais ninguém morre; quem tem mói e quem não tem mói também; no fim todos ficarão iguais. Ele afirmava isso: a igualdade.

Eram três que eram um; diferentes na idade, na fotografia, na origem e na estatura, mas para os caboclos era o mesmo. Então nós vamos ver mas como eram o mesmo de que jeito; sim [...] não tá (sic) cheio de Nossa Senhora disso, daquilo, Nossa Senhora de Lurdes, Salete; mas não é a mesma mãe de Cristo que eles falam? Pra eles era a mesma fonte era a mesma força, era a mesma energia divina que vinha ali [...] redivivo. Todos os monges eram um só: dois João e um José todos Maria. (TELES, 2007) 15.

¹⁵ TELES, Vicente. Entrevista concedida ao presente trabalho. Irani, 2007. Informação verbal.

Aquele que crê, crê na eficácia protetora do "santo", é nele que deposita sua esperança – independentemente do posicionamento da Igreja – e isso lhe basta.

Serge Moscovici (2003) avalia que os devotos dessas práticas sentem que os santos se engajam a favor deles nas dificuldades cotidianas: doenças, problemas familiares, assuntos de amor, desemprego, endividamentos, entre outros. Por isso, o fiel sem qualquer mediação sacramental ou clerical estabelece uma relação contratual com o santo, não importa se oficial ou oficioso, em vista da obtenção de uma graça ou benefício, uma vez que os devotos recorrem a quaisquer argumentos para justificar sua fé, ainda que tenham que driblar os eventuais controles da Igreja. Para tanto, valem simpatias, gestos mágicos, orações, tudo com a intenção de transformar a alma dos mortos em intermediários para a solução dos mais variados problemas. A contrapartida é o reconhecimento e a gratidão.

As grutas aparecem como um elemento forte que anima o universo consensual. São nesses espaços onde encontramos presente a fé do povo peregrino em busca de respostas às suas inquietações e também energias para revigorar essa crença que perpassa gerações e permeia o imaginário do povo que ora conhece a história dos monges e do Contestado, ora conhece a força que tem o monge do Contestado ou acredita buscar apenas mais uma força divina para superar as aflições que atingem esse povo.

Na gruta de Porto União, percebemos o grande fluxo de peregrinos de todas as regiões e também religiões, que vinham fazer sua oração em busca de uma graça, como se percebe nos seguintes relatos¹⁶ colhidos na Sexta-feira Santa:

"Eu tenho muita fé nele, ele é muito poderoso. Qualquer coisa pedia a São João Maria e ele ajudava naquele pedido. Qualquer coisinha diferente a gente toma aquela água com fé e melhora." Tereza

"Ele é meu médico. São João Maria é querido de tudo que é religião. Quando a gente vem batizar uma criança aí faz uma oração e Ele é o padrinho." Zulmira

"Muita gente já conseguiu graças aí né, assim curas de alguma coisa então considera santo. Eu venho na gruta por devoção, respeito e acredito na força do

¹⁶ As entrevistas a seguir foram concedidas para o presente trabalho na Gruta de Porto União, na Sexta-feira Santa de 2007, e transcritas *ipsis litteris*.

monge. Aqui é um lugar de sossego. Vim fazer o batizado da filha de minha sobrinha." Nilton

Percebe-se, nesses depoimentos, que o monge está vivo e presente no meio da crença deste povo herdeiro do Contestado. Nessas grutas encontramos a água, dita benta pelo povo, pois por onde o monge passava, ali deixava sua marca, com um olho d'água ou cruzeiro.

Quanto aos relatos de cura, temos o seguinte:

Eu venho aqui sempre porque uma vez eu tava...tinha umas feridas no pé e na terceira vez quando eu vim desapareceu na hora que eu vim lavar [...] na terceira vez que eu vim quando eu ponhei *(sic)* a mão na água pra jogar nos pés eu já vi que não tinha mais, nem tinha percebido que tinha desaparecido. Eu vim aqui pedir a Deus que me curasse pela água do monge. Luis ¹⁷

É claro que a crença nos "olhos d'água" de São João Maria, como miraculosos e curativos, varia de um lugar para outro. Isso se percebe no fato de os cuidados para com eles também variarem muito. Alguns permanecem cercados e cuidados, outros foram abandonados, alguns apenas lembram João Maria, outros são palcos de romarias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A concepção de mundo construída pelo povo camponês do Contestado era repleta de religiosidade. Esta era a representação historicamente possível de ser por eles trabalhada. Analfabetos, isolados do restante do país, vivendo da obtenção apenas dos mínimos vitais, no interior de uma estrutura coronelista, inexistiam condições concretas que permitissem aos sertanejos o encaminhamento secular e político de sua rebeldia à marginalizadora ordem oficial vigente.

Mas, não obstante todas as limitações, os caboclos ergueram as cidades santas e nelas organizaram a irmandade¹⁸. Os fortes laços fraternais unindo as pessoas, a comida inicialmente farta, a participação de todos na construção e na

_

¹⁷ Entrevista concedida ao presente trabalho. Gruta de Porto União, 2007. Informação verbal

¹⁸ O conceito de irmandade é apropriado de Marli Auras (1995).

manutenção da vida em comum, os próprios desacertos das primeiras incursões das forças policiais, são elementos demonstrativos de que no interior dos redutos a vida era melhor, distinguindo-se da ordem em curso no mundo a sua volta. Nesta fase de crescimento do movimento rebelde é que ocorreu a elaboração, pelos caboclos, de sua própria visão de mundo, com uma prática que lhe foi correspondente.

Os sertanejos foram sujeitos da história ao construírem a irmandade, seu inequívoco manifesto de rejeição à ordem capitalista em curso. A irmandade, entretanto, ao demonstrar ser insuficiente para vencer essa ordem em constituição, foi esmagada por ela, pela intermediação de cerca da metade do Exército da República Velha, deslocado, na época, para o interior da área contestada.

Se remontarmos aos antecedentes da eclosão messiânica, verificamos que não havia, antes de 1912, nenhuma atitude de rancor ou hostilidade aberta por parte dos sertanejos contra os padres católicos que criticavam sua religião rústica. Mas é necessário distinguir entre a religião rústica tal como era praticada em tempos normais e a santa religião depois seguida nos redutos. Em relação a religião rústica, os padres, particularmente os franciscanos alemães, mantinham o intento de reformá-la pela palavra e pelo exemplo, a fim de adaptá-la ao tipo de catolicismo recentemente importado junto com os mesmos frades. Embora tenham conseguido algum êxito a religiosidade cabocla continuou permanecendo.

Em relação a questões econômicas, as novas formas de trabalho introduzidas no campo, sobretudo o trabalho assalariado nas grandes empresas, não levaram em conta a realidade local. Os sertanejos eram sempre vítimas: das companhias estrangeiras, que tomavam as terras desapropriadas e expulsavam seus moradores; dos imigrantes europeus, que ocupavam um espaço que sempre pertencera aos camponeses locais. No meio dessa disputa, havia a luta dos coronéis pelo controle das terras, do eleitorado, dos cargos públicos, do poder.

Os sertanejos, abandonados pelas autoridades, encontraram refúgio no messianismo. A solidariedade e a crença em dias melhores, com a ajuda de santos, curandeiros e "monges", foram os laços que uniram milhares de pobres caboclos do Contestado.

A impressão que se tem, ao pesquisar sobre esse processo de ressignificação, é que tudo o que faz sentido à vida ou à cultura popular dos descendentes do Contestado e que seria próprio de José Maria ou de outros líderes místicos importantes da comunidade cabocla, aos poucos foi sendo ressignificado e passou a ser atribuído a um só modelo de vida e santidade, que é João Maria. Isto é, com o passar dos anos João Maria foi herdando sabedoria, valores, princípios, atitudes, enfim, uma mensagemmodelo que servisse de guia ou que desse sentido para a comunidade cabocla do Contestado. Isso se percebe no fato de que muitas histórias e acontecimentos da atualidade são a ele atribuídos.

Constatou-se nesta pesquisa que São João Maria foi e continua sendo homenageado, invocado e venerado por meio de novenas, ladainhas, terços, promessas, visitas aos lugares sagrados, romarias, entre outros tantos rituais e manifestações de religiosidade que preservam a sua imagem, mensagem e mística. Com o passar dos anos a "imagem", ou melhor, o imaginário sobre João Maria acumulou novos significados. Se nos primeiros tempos ele era tido basicamente como um homem do bem e conselheiro, hoje, ele situa-se no mesmo nível de outros santos venerados pelos católicos.

É praticamente impossível dissociar o religioso do político no movimento do Contestado. Ambos permeiam-se mutuamente. As rezas, as devoções, os rituais e os símbolos religiosos do Contestado, em muitos casos atribuídos a João Maria, são expressões de uma história vivida que continua presente na memória popular, de uma sociedade na qual se vive e de uma esperança sempre presente no horizonte.

Nota-se ainda hoje que o preconceito religioso parece ter sido mais difícil de desfazer. Continuam profundamente enraizadas, no pensamento moderno, definições pejorativas e culpabilizadoras como "coletividade em delírio", "loucura coletiva", entre outras acima expostas, para pessoas ou comunidades humanas que se deixam guiar por uma experiência mística, como foi o caso da comunidade cabocla do Contestado. Evidentemente que a experiência mística vivida pelos descendentes do Contestado hoje não é a mesma que os levou ao movimento.

Na região do Contestado concluímos que a ancoragem (conforme aponta Moscovici) está presente na figura dos monges, pessoas sem uma ligação direta com a

Igreja Católica que se tornam "monges" pela aceitação e crença do povo que vê nessas figuras a imagem de "santos" que trazem alento e cura às pessoas que os buscam, seja na época da guerra ou nos dias atuais.

No que diz respeito à objetivação, pode-se dizer que a idéia de Contestado nos dias de hoje se funde à figura dos monges de tal forma que muitos peregrinos não conhecem a história do conflito e dos monges, que se transformaram, pela fé do povo, num só: São João Maria.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, E. J. O Contestado. São Paulo: Ática, 1994.

AURAS, M. **Guerra do Contestado**: a organização da irmandade cabocla. Florianópolis: Editora da UFSC, 1995.

CABRAL, O. R. **João Maria** – Interpretação da Campanha do Contestado. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1960.

CLAVAL, P. Le theme de la religion dans les etudes geographiques. Université de Paris-IV. **Géographie et cultures**, n. 2, 1992.

DURKHEIM, E. **As formas elementares de vida religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1989.

FRAGA, N. C. **Mudanças e permanências na rede viária do Contestado**: uma abordagem acerca da formação territorial no sul do Brasil. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, 2006.

GALEANO, E. **As veias abertas da América Latina.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GIL FILHO, S. F. Por uma Geografia do Sagrado. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). **Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed.Ufpr, 2002.

_____. Geografia Cultural: estrutura e primado das representações. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Espaço e cultura.** Rio de Janeiro: UERJ, n. 19-20, p.51-59, 2005.

GORNISKI, A. **Monge** – vida, milagres, histórias, lendas e orações. Lapa: Editora Gráfica Nossa Senhora Aparecida Ltda, 1999.

KOZEL, S. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Org.). **Elementos de epistemologia da Geografia Contemporânea**. Curitiba: Ed.Ufpr, 2002.

LUKES, S. **Émile Durkheim su vida y su obra**. Madrid, Centro de Investigaciones Sociologicas/Siglo XXI de España Editores, 1984.

MARCHI, E. O sagrado e a religiosidade: vivências e mutualidades. **História**: questões e debates. v. 43, p. 33-53. Curitiba: UFPR, 2005.

www.geografia.ufpr.br/raega/
ISSN: 2177-2738

MOSCOVICI, S. Psychologie sociale. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

______. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

QUEIROZ, M. V. de. Messianismo e conflito social — a guerra sertaneja do Contestado: 1912/1916. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SÁ, C. P. Núcleo central das representações sociais. Petrópolis: Vozes, 1996.

SCHMIDT, W. Acordo divide a área litigiosa. Gazeta do Povo, Curitiba, 17 nov. 2003.

THOMÉ, N. Levanta, nação do Contestado, tantas vezes contestada. Caçador: A Imprensa, 1992.

_____. Sangue, suor e lágrimas no chão contestado. Caçador: UnC, 1992.

VIALATOUX, J. De Durkheim a Bergson. Paris: Bloud & Gay, 1939.

Recebido em 29/04/2012.

Aceito em 30/11/2012.